

A ESTÉTICA DO RESENTIMENTO NA CRIAÇÃO DE ROTEIRO CINEMATOGRAFICO

Sandro Martins Costa Mendes¹

Encontrei uma história a ser contada. Encontrei dentro de mim, que fique claro. Não era uma história minha, ou mesmo uma história que vi alguém contar ou passar. Ela se construiu a partir de um simples elemento, uma condição física. Alguém estava em coma. E outra pessoa gostaria ainda de lhe falar.

Um tema que gosto de tratar é a dificuldade na comunicação entre as pessoas. Um gosto não muito original, visto que essa dificuldade pode estar presente em uma grande porcentagem de histórias contadas, em todo lugar e todas as épocas. Contamos histórias sobre a vida, sobre a dificuldade da vida, e muitas dessas dificuldades se encontram na nossa falta de tato, de capacidade de nos comunicarmos, de dizermos tudo o que queremos dizer, ou mesmo de nos expressarmos. Uma pessoa em coma e outra querendo falar com ela já é um grande obstáculo. Mas resolvi colocar outro.

Acontece que se há o que ser dito entre duas pessoas enquanto uma delas está em coma, provavelmente é porque não se disse quando estavam os dois despertos. Por isso, o obstáculo na comunicação é anterior a esse estado de saúde. Poderia ser de outra forma, esse algo a dizer poderia ser um fato novo. Mas nessa história que encontrei para contar, não é. O fato é que a comunicação sempre esteve com obstáculos. O coma só foi um agravamento, na verdade, foi a suspensão de uma possibilidade remota de comunicação.

O que venho apresentar nesse momento é a construção do obstáculo anterior. Antes do coma. O que poderia impedir a conversa entre duas pessoas da mesma família (sim, eles são parentes) que seria tão forte quanto uma delas estar em coma, impossibilitada de falar, ou, como acreditam alguns, de ouvir? Para tornar o quadro mais complexo, essa história não se passa entre duas pessoas, e sim entre três.

A história que venho desenvolvendo como tese de doutoramento em Escrita Criativa na PUCRS será apresentada como roteiro cinematográfico de longa-metragem. Eu poderia dizer que é um triângulo familiar, se houvesse relação entre os três. Pode ser que o objetivo dos personagens chegue a ser o de estabelecer a relação entre os três. Ou

¹ Professor Assistente na Unipampa, Campus Jaguarão e Doutorando em Escrita Criativa PUCRS.

esse pode ser o objetivo do autor, do narrador, ou do leitor. Mas por enquanto, enquanto a história ainda não chega ao fim, não é um triângulo. São três pessoas de uma mesma família. A história do filme estará centrada em tentativas de comunicação (meu medo, e provavelmente do espectador, é que fique só nisso: tentativas).

Os personagens são um homem mais velho, uma mulher e um adolescente. O homem mais velho é pai da mulher e esta é a mãe do adolescente. A história que vou contar, boa parte dela, será antes do coma (aliás, vou deixar de falar do coma, esqueçamos o coma, ele vem depois e não é objeto desse estudo). Mas o enredo que estou construindo retrata a tentativa do homem de falar com seu neto. O homem quer falar com o neto, que não conhece, que nem sabia existir. Fica claro, então, que se o homem não sabia da existência de um neto, já adolescente, é porque ele não conversa, não tem contato nem notícias de sua filha, a mãe desse neto.

E finalmente agora chegamos ao que realmente eu vou falar aqui: o motivo de pai e filha não se falarem. O motivo que os fez deixar de falar e, principalmente, vou estudar aqui a razão para que permanecesse o silêncio entre os dois. O pai abandona a filha e a esposa por outra mulher.

Logo que pensei em uma mãe como obstáculo entre a comunicação entre seu pai e seu filho (entre vó e neto, portanto), vi que era necessário um sentimento forte que a separasse do pai e, principalmente, deveria haver um sentimento muito forte para que ela prosseguisse separada e sem comunicação com ele. Não bastaria então um sentimento em um momento. Era necessário um sentimento que estivesse sempre presente, sempre ressoando nela. Era preciso então, cheguei a essa conclusão, de um ressentimento.

Maria Rita Khel (2000) em capítulo publicado no livro *Psicanálise, cinema e estéticas da subjetivação* explica que ressentir-se indica “insistir repetidamente na atualização de um sentimento, é sempre ressentir-se *contra o outro*” (p. 216) [grifos da autora]. Portanto, percebi que era desse sentimento que eu precisava tratar. Mas não cheguei facilmente à Maria Rita Khel e a esse livro que trata de psicanálise e cinema e ao capítulo dela que traz a estética do ressentimento. Antes disso, me reportei a estudiosos que eu já conhecia de outra paixão, a humilhação.

Em estudo anterior, eu havia tratado da humilhação em uma obra literária. Naquele momento, eu pensei em uma estética da humilhação, apontando características imagéticas e de trama que encontrei na obra literária e na teoria que li. Quase um ano depois em 2011, orientei um trabalho de conclusão de curso de letras onde a humilhação

foi estudada em um conto e em um filme de longa-metragem. Os dois tratavam da ida do Papa João Paulo II a Melo, pequena cidade do Uruguai. Nesse momento, junto com meu orientando, pensamos a estética da humilhação no cinema também.

Os teóricos que usei para a humilhação foram Pierre Ansart e Claudine Haroche. Na biblioteca da minha esposa, além do livro sobre humilhação, encontrei também um livro sobre memória e ressentimento. Os estudiosos citados estavam ali mais uma vez. Pensei então em buscar elementos teóricos para elaborar uma estética do ressentimento a ser usada na construção da personagem da minha história, a mulher (filha e mãe) que será o obstáculo entre a comunicação entre vó e neto.

Pierre Ansart (2004) diz que o termo ressentimento designa rancores, invejas, desejos de vingança e os fantasmas da morte. Ele afirma que foi Nietzsche, em 1887, que elaborou a noção de ressentimento, através do cruzamento de três abordagens complementares: histórica, psicológica e sociopolítica.

Historicamente, o ressentimento seria o resultado longínquo de um conflito, de uma ação conduzida, no início da nossa era, pela religião judaico-cristã contra os guerreiros aristocratas, que possuíam o privilégio de poder exprimir livremente e realizar sua vontade de poder no exercício de sua dominação. (ANSART, 2004, p.16)

Nietzsche apresenta diversas outras configurações semelhantes à guerra civil acima, encontrando sempre sublevação dos inferiores contra os dominantes. O que anima a esses inferiores são o ódio e seus derivados como a inveja, o ciúme assassino, o desejo de vingança. Nietzsche se preocupa com a interiorização e a denegação desse ódio, ele “analisa o trabalho psicológico através do qual o ódio foi ao mesmo tempo interiorizado e recalcado pelos inferiores, denegado por aquilo que representa e metamorfoseado em valor positivo” (ANSART, 2004, p. 17). Ansart assinala que essa definição que Nietzsche elabora agrega à concepção do ressentimento uma filosofia da história, uma crítica das religiões, uma denúncia moral, um conjunto de juízos sobre a vida política da Europa no final do século XIX. Com tudo isso, ficava difícil destacar o conceito de ressentimento desse emaranhado de fios. Assim, Ansart apresenta ideia de Max Scheler, que toma por objeto a descrição fenomenológica do ressentimento, abandonando assim as hipóteses históricas de Nietzsche. Ansart traz também a tese de Robert K. Merton, que se preocupa em criar uma definição sucinta de ressentimento, retida em três elementos, a saber: a) sentimentos difusos de ódio, de inveja e de hostilidade; b) sensação de ser impotente para exprimir de forma ativa estes sentimentos; c) experiência continuamente renovada de impotente hostilidade.

Ainda assim, Ansart não se dá por satisfeito. Acredita que para dar conta aos conflitos e violências vistas na segunda metade do século XX é necessário “precisões e acréscimos à definição de Merton” (p. 18). Para tanto, apresenta cinco proposições: a primeira fala da diversidade das formas do ressentimento, o que leva Ansart a falar de *ressentimentos*, no plural, pois, segundo Max Scheler, poderia haver, por exemplo, ressentimento entre grupos de idade, ou opor duas classes sociais, ou duas etnias. O próprio Nietzsche teria falado de dois ressentimentos, o dos dominados, e após o ressentimento dos dominantes quando se encontrem com a revolta dos que consideram inferiores. A segunda proposição diz respeito à intensidade do ressentimento. Nietzsche e Scheler parecem apontar que o ressentimento existe como um todo e que um indivíduo ou um grupo podem portar esse sentimento. Porém Ansart diz que a experiência nos faz crer em graus e variáveis intensidades para o ressentimento. Assim, o autor relembra texto de Freud que atribui três níveis de intensidade ao ciúme, e diz que esses níveis poderiam ser aplicados ao ressentimento².

A terceira proposição seria a de não enfatizar apenas os sentimentos e afetos, mas representações, ideologias, imaginários, crenças e discursos dos indivíduos que poderiam desempenhar papel relevante na transformação dos ressentimentos. A quarta proposição pensa no papel específico que certos indivíduos e grupos limitados podem tomar no interior dos movimentos sociais, por serem estes porta-vozes, escritores, líderes, entre outros.

E a quinta proposição trata das consequências e manifestações do ressentimento. Para o objetivo de elaborar uma estética do ressentimento a ser aplicada à minha história, esta me pareceu a proposição mais interessante. Como primeira constatação, Ansart ressalta que nas definições dos três autores por ele apresentadas, há uma semelhança em relacionar o ressentimento com inibição e impotência do ódio. Desta forma, segundo Ansart, seria necessário “limitar os efeitos do ressentimento unicamente ao psiquismo dos indivíduos e construir a hipótese de que a expressão, a manifestação e a exteriorização do ódio teriam como consequência seu desaparecimento” (2004, p. 21).

Essa reflexão de Ansart (ainda que depois ela seja desmentida) provocou em mim certo contentamento, pois na condição de criador, eu pensava em algum momento na possibilidade de que o ressentimento se resolvesse, desaparecendo e possibilitando o

² A divisão seria: ciúme “comum” do qual todos seríamos portadores; o ciúme “constituído”, ligado a uma situação de rivalidade e passível de tratamento e reflexão; e ciúme “delirante”, responsável eventualmente à condução ao suicídio.

entendimento das pessoas involucradas nele. Porém, ela não fala exatamente em resolução do ressentimento, e sim em não exteriorização. Desta forma, meu problema prosseguia.

Outra questão que eu ainda precisaria resolver dizia respeito à identificação do público com esses personagens e as funções desses personagens dentro da história. Vô, filha e neto poderão ser vistos como heróis ao mesmo tempo dentro da história? Ou eu teria que em algum momento delegar a um deles o papel de vilão? A resposta a isso surgiu com a leitura de Maria Rita Khel, mas disso eu trato mais adiante nesse estudo.

Voltando à quinta proposição de Ansart, este reflete sobre a possibilidade, apresentada acima, de que o ressentimento estaria relegado ao psiquismo dos indivíduos e não teria uma manifestação exterior, pois esta poderia causar o desaparecimento do sentimento. Ansart então pondera que para responder a essa questão seja necessário pensar que “dificilmente se pode aceitar a hipótese de que um sentimento, do qual sublinhamos a intensidade e a força, não tenha consequências nem manifestações nas condutas dos indivíduos” (p. 21). O importante então seria pensar como o ressentimento se manifesta, pensar os comportamentos originados por ele e que atitudes e condutas são inspiradas, consciente ou inconscientemente, por ele. Essa questão, para mim, para minha pesquisa, é resumida na formulação: qual a estética do ressentimento?

A característica da personagem que eu deveria construir começa a ficar mais clara quando, mais uma vez, Ansart retoma a Nietzsche explicando que ele redefiniu o bom e o mau, o bem e o mal. Quando somos vítimas de indivíduos que ferem nossa liberdade, eles são malévolos e nós somos bons. As forças que me são hostis são perversas e eu sou justo e inocente do mal que me é feito. Sendo assim, os ressentimentos compartilhados são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo. Ficou claro para mim que a personagem ressentida deve aparentar e acreditar ser uma vítima. Só assim o ressentimento será percebido, no meu caso, pelo espectador. Só assim haverá identificação da personagem com o público. Quando me deparei com o texto de Maria Rita Khel sobre a estética do ressentimento, tive a confirmação desse pensamento.

O interesse de Pierre Ansart, ao estudar o ressentimento, tem a ver com política e práticas sociais, como também era o estudo sobre a humilhação comentada acima. Sendo assim, ao pensar a criação de personagem e motivações individual, parti para a leitura do trabalho sobre o ressentimento de Khel (2011).

Inicialmente, percebi que ela tratava da estética do ressentimento na literatura, mas fazia referência a outro trabalho relacionado com o cinema. A partir das ideias da autora percebi que eu teria trabalho menos árduo para a criação da personagem (a mulher), bem como para a criação de cenas e situações narrativas que viessem a comunicar o ressentimento da personagem e justificassem os caminhos adotados por ela.

Maria Rita Khel diz que “o ressentimento é um afeto de forte apelo dramático” (2011, p. 181). E acrescenta:

A aposta principal do personagem ressentido, em uma "vingança imaginária e adiada" contra o responsável pelo prejuízo de que se considera vítima, funciona bem como um fio condutor que mantém a tensão dramática ao longo de uma narrativa. O leitor / espectador identificado com o ponto de vista do personagem ressentido, mantém-se preso à trama à espera do desenlace, que não precisa ser trágico: uma pequena virada do destino, um lance de sorte, um pouco de malícia e o personagem ressentido, depois de muito sofrer, será vingado sem ter se comprometido com nenhum ato vingativo (2011, p. 181).

A autora também ressalta que, ainda que haja vasta constelação de afetos negativos a que o ressentimento mobiliza - tanto nos personagens quanto no leitor - ficam moralmente autorizados pelo fato de este personagem ser representado como vítima de alguém pior que ele.

Maria Rita Khel está pensando em personagem que seja protagonista da história, pois ressalta a identificação dela com o público (leitor ou espectador). Tanto no capítulo de seu livro *Ressentimento* (2011) dedicado à estética da literatura, como no capítulo na obra sobre cinema e psicanálise (2004) as personagens que servem de exemplo, são protagonistas. No meu caso, a personagem não é a protagonista, mas importante personagem, tão importante que é a partir dela que estou construindo os outros dois personagens, o pai e o filho dela (esse sim, o verdadeiro protagonista).

Ainda que não seja a protagonista, o trabalho de exposição ao público das características ressentidas da mãe será importante ponto de virada no roteiro. Para o desenvolvimento da história, percebi que a mãe terá que assumir a função de antagonista, pelo menos nos primeiros momentos. A intenção é guardar informações sobre ela e fazer com que o público vá conhecendo a personagem aos poucos. Como a história será contada de forma fragmentada, esse não é uma tarefa muito difícil para o autor, no caso, eu.

Maria Rita Khel explica que o conceito de ressentimento não é conceito da psicanálise e sim categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade de se esquecer ou superar um agravo. Mas o ressentido não é alguém incapaz de esquecer ou

de perdoar, mas sim, “é alguém que não quer se esquecer, ou que quer não se esquecer, não perdoar, nem superar o mal que o vitimou” (2011, p.14). Na minha história, o não querer perdoar da personagem está fortemente ligado com tudo o que ela passou com o abandono do pai. E mais, além dela, o ressentimento atingiu sua mãe. E o não querer esquecer e o não querer perdoar é uma forma de manter viva a memória da mãe, é uma forma de respeito. Mais do que a sua própria vontade, a personagem ressentida em homenagem à mãe que cuidou dela e que também foi abandonada pelo mesmo homem.

Esse fator de não perdoar como forma de respeito à mãe é elemento que poderá ser responsável para elucidar ao espectador o sentimento da personagem, e uma forma de identificação, pois o espectador verá que a personagem tem uma motivação “nobre”. A personagem, por sua vez, vê nessa recusa ao perdão uma reafirmação do amor à mãe, e uma segurança de que está tomando a atitude correta, visto que é uma atitude baseada em amor, consideração e valorização de toda a vida de sacrifício que sua mãe teve para cuidar de sua filha.

A construção da personagem estará pautada por esse sentimento. Apesar de ser um dos pilares dessa história, essa personagem aparece menos e tem menos voz que os outros dois. Scheler fala em “autoenvenenamento psicológico”. Khel explica que

a palavra ressentimento indica que se trata de uma reação – mas se esta reação tivesse sido posta em ato, ainda que fosse um ato de palavra, o sentimento de injúria ou agravo teria sido aplacado

O conceito de recalçamento indica que um impulso foi impedido de se efetivar. O que ocorre no ressentimento é que o ofendido não se atreve, ou não se permite, responder à altura da ofensa recebida. (2011, p. 15)

Portanto, a personagem pouco fala, pouco se explica. Por isso, só aos poucos vai aparecendo na história algumas informações para que o espectador vá juntando, de forma que possa ir mudando a impressão que se tem da personagem.

O estudo sobre o ressentimento ainda está em andamento, assim como a construção da personagem. Mas é importante ressaltar o ressentido reconhece seu sofrimento, “mas atribui toda a responsabilidade ao outro, mais poderoso que ele, suposto agente do mal que o vitimou” (KHEL, 2011, p. 44). Esse elemento é que vai ser explorado dentro da história. A personagem ressentida não quer, não quis mais falar com o pai. Além disso, não deixar seu filho conhecer o avô é uma espécie de vingança, vingança a que o ressentido almeja.

Maria Rita Khel chama de *estética do ressentimento* o “princípio que organiza as narrativas em torno do ponto de vista do personagem ressentido – o qual, sempre

cobreto de razões em suas queixas e mágoas, constitui o polo de identificações positivas do leitor / espectador.” (2011, p. 184). Ela relaciona esse tipo de personagem com o protagonista de melodramas. No meu caso, com minha história ainda em construção, possivelmente não será exatamente assim que vou usar a estética do ressentimento.

Ainda que em elaboração, posso já vislumbrar a estética do ressentimento nessa história através de elementos de trama e características físicas e psicológicas da personagem ressentida, a saber: o silêncio da personagem ressentida, a visão que tem de si mesma como uma pessoa boa (e a visão que tem de seu pai como uma pessoa má), a pequena vingança que pode ter ao impedir que seu pai conheça ou tenha contato com o neto.

Certamente, encontrarei ainda outras nuances a ser trabalhadas, pois seguirei aprofundando a leitura teórica e pensando a construção da personagem e da trama.

REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos In: NAXARA, Márcia; BRESCIANI, Stella. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004.

KHEL, Maria Rita. Desejo e Liberdade: A Estética do Ressentimento, In: BARTUCCI, Giovanna. *Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. *A estética do ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.